

ANC X  
ANC

# Bernardo Cabral é eleito relator da Sistematização

O deputado derrotou Pimenta da Veiga e Fernando Henrique Cardoso na bancada do PMDB; o resultado é uma derrota para Ulysses Guimarães e uma nova vitória de Mário Covas

Do Enviado especial a Brasília

O deputado Bernardo Cabral (PMDB-AM) foi indicado ontem pela bancada peemedebista para o cargo de relator da Comissão de Sistematização do Congresso constituinte, ao vencer, em segundo escrutínio, o deputado Pimenta da Veiga (MG), por 111 votos contra 90. Logo após ser proclamado vencedor, Cabral anunciou que convidará Pimenta da Veiga e o senador Fernando Henrique Cardoso (SP) para auxiliá-lo nos trabalhos de relator-geral da Constituição. Cardoso também disputou a indicação, mas foi o terceiro colocado no primeiro escrutínio. O resultado é uma vitória política do PMDB no Congresso constituinte, senador Mário Covas (SP), que apoiou a candidatura de Cabral. Já o grande derrotado foi o presidente do Congresso constituinte e do PMDB, deputado Ulysses Guimarães, que trabalhou abertamente em favor de Pimenta.



Cabral, no entanto, logo depois que Mário Covas —que presidiu a reunião da bancada do PMDB— anunciou o resultado da votação, fez questão de afirmar que "não houve vencedores". E acrescentou: "O partido é que foi o vencedor". Em sua primeira entrevista, o relator-geral disse que desenvolverá o seu trabalho "sem influências externas e sem lobbies". Quando lhe perguntaram se sua indicação representava uma vitória do Palácio do Planalto, Cabral respondeu: "Só me subordino à minha consciência e ela não me dita que eu deva ficar submetido às pressões de quaisquer poderes. Como homem do partido, não possoregar apoio ao governo, até porque não me dá direito a nada".

### Disputa

Foi uma disputa difícil e emocionante. Instalada a sessão da bancada, às 9h30, cada um dos três candidatos falou durante vinte minutos. Logo depois, começou a votação secreta. Aberta a urna, às 10h30, Cabral saiu na frente, seguido por Cardoso e Pimenta, que ficou em terceiro. Lentamente, Pimenta começou a subir, mas os

três candidatos, em sucessivos instantes, ficavam empatados. Isso foi até o final. Pimenta e Cabral receberam o mesmo número de votos, 86, e Cardoso, 81. Como ninguém havia obtido maioria absoluta, foi necessário o segundo escrutínio.

Pimenta e Cardoso saíram juntos do auditório Nereu Ramos, da Câmara, e seguiram para o gabinete do segundo. O plano era somarem seus votos para a indicação de Pimenta para o cargo de relator. Porém, logo vieram que isso seria difícil. Constituintes de Pernambuco, como Cristina Tavares, que haviam feito campanha para Cardoso, recusaram-se a votar em Pimenta. O grosso dos votos da bancada de São Paulo —que tinha sido para o senador— desviou-se para Cabral.

### Segundo escrutínio

As urnas do segundo escrutínio foram abertas às 15h. Na apuração, Cabral e Pimenta estiveram empatados sete vezes. Só no final o deputado do Amazonas deslançou. Ao receber o 101º voto estava eleito e começou a ser aplaudido. Ao final, foram 111 votos para Cabral e noventa para Pimenta.

No tumulto que se seguiu, com a imprensa e peemedebistas querendo entrevistar e cumprimentar o novo relator-geral, poucos ouviram a proposta que o líder Mário Covas fez, propondo a indicação do deputado Pimenta da Veiga para a 1ª vice-presidência da Comissão de Sistematização. Quem ouviu, aplaudiu, e os demais, pensando que os aplausos eram para Cabral, imitaram o gesto. Pimenta acabou sendo aclamado para a 1ª vice-presidência da Comissão de Sistematização por um auditório eufórico com a vitória de Cabral.

"O partido —disse Cabral logo após a eleição— está caminhando com seus próprios passos para fazer uma grande Constituição". Foi assim como o deputado explicou sua vitória sobre dois "notáveis" do PMDB. Cabral lembrou que, desde que tomou posse, defendia a tese de que o relator-geral deveria ser escolhido pela bancada. "Isso —explicou— fortalece a posição do relator no seio da comissão, sem que ele fique atrelado a grupos, mas dedicado tão somente ao trabalho que deve ser exercitado em benefício do povo".

(Tadeu Afonso)



O deputado federal Bernardo Cabral acena para a bancada peemedebista, após ter sido anunciada a sua vitória sobre Pimenta da Veiga

## O que defende Bernardo Cabral

O novo relator-geral da nova Constituição, deputado Bernardo Cabral (PMDB-AM), é um defensor da livre iniciativa e, portanto, contra a estatização. Defende seis anos de mandato para o presidente Sarney e que o seu sucessor governe sob um regime parlamentarista. Quer também uma Constituição não muito longa, com um mínimo de 150 artigos e um máximo de duzentos.

Falando sobre a presença do Estado na economia, Cabral diz que ele deve atuar apenas nos serviços essenciais, controlando a exploração de petróleo e os serviços de eletricidade e gás, além do Banco do Brasil e o Banco Central.

Cabral já tem também quase pronto o seu projeto de parlamentarismo. Por ele, o presidente terá cinco anos de mandato, sendo eleito pelo voto direto e mantendo o comando das Forças Armadas e da política externa. Por causa disso, Cabral determina, em seu projeto, que os ministros militares e o ministro das Relações Exteriores não estarão submetidos a votos de desconfiança da Câmara. Os demais poderão ser derrubados pelos deputados, inclusive o primeiro-ministro.

No entanto, Cabral prevê que o parlamentarismo só deva ser implantado no próximo mandato presidencial. Segundo ele, a nova Constituição deverá respeitar os seis anos do mandato de Sarney.

Cabral começou sua carreira política no Amazonas, elegendo-se deputado estadual pelo extinto PTB em 1962. Em 66, elegeu-se para a Câmara pelo antigo MDB e tornou-se vice-líder da bancada no ano seguinte, indicado pelo líder Mário Covas.



Ulysses conversa com José Serra; ao seu lado, Mário Covas ouve constituintes, antes da definição do relator-geral

## 'Notáveis' do PMDB estão enfraquecidos

Da Sucursal de Brasília

Os tempos não são favoráveis às lideranças tradicionais e aos "notáveis" do PMDB. O primeiro golpe foi a eleição do senador Mário Covas (SP) para a liderança do PMDB no Congresso constituinte, contra a vontade do presidente nacional do partido, deputado Ulysses Guimarães, que preferia o deputado Luiz Henrique (SC), líder na Câmara. Agora, a escolha de um quase desconhecido para a maioria da bancada, deputado Bernardo Cabral (AM), para o cargo de relator da Comissão de Sistematização —a mais importante das comissões, já que vai montar o projeto de Constituição que irá a debate e votação em plenário.

A contestação começou antes mesmo da instalação do Congresso constituinte. A maioria da bancada peemedebista rebelou-se contra a intenção, atribuída ao deputado Ulysses Guimarães, de criar uma grande comissão constitucional que

redigiria a Constituição. Os peemedebistas disseram que não admitiriam ser constituintes de "segunda classe", e que não permitiriam que alguns eleitos da confiança de Ulysses fizessem quase sozinhos a nova Constituição. Ulysses desistiu, e um dos homens da sua maior confiança, o deputado Prisco Viana (PMDB-BA), obteve apenas o cargo de relator da Comissão da Organização Eleitoral. No esquema de Ulysses, Prisco seria um dos que redigiriam quase sozinhos (a comissão reuniria apenas 83 dos 559 constituintes) a futura Constituição.

Ulysses teve o dissabor de enfrentar outra rebelião peemedebista. Inicialmente, a esquerda da bancada queria elegê-lo presidente da Câmara só depois de torná-lo presidente do Congresso constituinte. Seria a forma de o Congresso constituinte afirmar sua soberania e primazia. Ulysses teve de recorrer às pressões do Planalto e dos governadores para

enquadrar os mais rebeldes. E, antes de se eleger, teve que vencer o deputado Fernando Lyra (PMDB-PE), que também disputava a presidência da Câmara.

### Covas

O tropeço seguinte de Ulysses foi a vitória de Mário Covas na disputa pela liderança do partido no Congresso constituinte, contra o deputado Luiz Henrique. Covas entrou derrotado na reunião da bancada. Quando a apuração terminou, era o líder, e novas lideranças começavam a despontar no partido —como a do senador paulista e seu aliado, o senador José Richa (PR).

O outro tropeço ocorreu ontem. Dois "notáveis" do partido perderam a disputa para um desconhecido, Pimenta da Veiga liderou, até o começo do ano, a bancada na Câmara. Fernando Henrique Cardoso é o líder do PMDB no Senado.



Afonso Arinos (PFL-RJ) em sua mesa, após ter sido eleito presidente da Comissão de Sistematização

## Arinos é o presidente da Comissão de Sistematização

Do Sucursal de Brasília

O senador Afonso Arinos (PFL-RJ), 81, foi eleito ontem à noite presidente da Comissão de Sistematização do Congresso constituinte, disputando a 1ª vice-presidência contra o deputado Aluísio Campos (MDB-PB), o deputado Pimenta da Veiga (PMDB-MG) sofreu a sua segunda derrota no mesmo dia: não conseguiu eleger-se por 48 votos contra 111. A tarde, Pimenta havia perdido a indicação do partido, a disputa pela indicação do relator da comissão acabou sendo escolhido o deputado Bernardo Cabral (PMDB-AM). O 2º vice-presidente é o deputado Brandão Monteiro (PDT-RJ). Falando logo após a eleição, o líder do PMDB no Congresso constituinte, senador Mário Covas, assumiu o insucesso de Pimenta como se fosse sua derrota.

Os trabalhos de instalação da comissão e eleição de seus presidentes

e vice-presidentes foram atrasados por uma série de problemas. Em primeiro lugar, o líder do PL, deputado Adolpho de Oliveira (RJ), disse que retirava sua candidatura à presidência em nome do entendimento entre os partidos. Depois, o deputado José Genoíno (PT-SP) denunciou que a composição da Comissão de Sistematização desobedecia o regimento interno do Congresso constituinte.

Um acordo entre lideranças contornou o problema. As eleições foram realizadas, sendo que a denúncia de Genoíno será levada à Presidência do Congresso constituinte, que decidirá se os partidos podem indicar aquele número de representantes.

O terceiro problema foi a insistência do deputado Aluísio Campos em disputar a 1ª vice-presidência. Confrontando Mário Covas, Campos partiu para a disputa e ganhou de Pimenta.

## Quem é o senador Afonso Arinos

Do Sucursal de Brasília

O avô, Cesário Alvim, foi constituinte em 1891. O pai, Afrânio de Melo Franco, era um dos constituintes de 1934. Assim, mantendo uma tradição familiar, o senador Afonso Arinos (PFL-RJ), 81, é constituinte em 1987 e presidente da Comissão de Sistematização do Congresso constituinte. Além da experiência familiar, Arinos possui duas de caráter pessoal.

Em 1967, foi o autor da emenda dos direitos e garantias individuais à Constituição que o Congresso discutia para apagar as luzes do governo Castelo Branco. A emenda foi formalmente apresentada pelo então senador Daniel Krieger (Arena-RS) e aprovada, ao menos em seu espírito, o direito dos cidadãos numa Constituição tida como autoritária em sua forma inicial. Afinal, fora redigida

pelo então ministro da Justiça, Carlos Medeiros, e representava o primeiro avanço do regime militar sobre as liberdades individuais.

No ano passado, Arinos presidiu a Comissão Provisória de Estudos Constitucionais, que acabou batizada de Comissão Afonso Arinos. O anteprojeto Afonso Arinos propunha, entre outras coisas, o direito de grupos de cidadãos apresentarem projetos de lei diretamente ao Congresso, o parlamentarismo e o voto distrital misto.

Arinos liderou a extinta União Democrática Nacional (UDN) contra Getúlio Vargas em 1954. Foi ministro das Relações Exteriores em dois governos (Jânio Quadros, 61) e João Goulart (61/64) e embaixador na ONU. No ano passado, elegeu-se senador pelo PFL do Rio sem praticamente sair de casa.

## Senador perde com a derrota de Pimenta da Veiga

Do Sucursal de Brasília

O senador Fernando Henrique Cardoso (SP) teve ontem duas derrotas. Perdeu para os deputados Pimenta da Veiga (MG) e Bernardo Cabral (AM) a disputa pela indicação para o cargo de relator. Depois, foi novamente derrotado por Cabral: passou o começo da tarde pedindo votos para Pimenta, não conseguiu adesões suficientes e Cabral foi o escolhido para relator.

Minutos depois de derrotado no primeiro escrutínio, Cardoso abriu as portas de seu gabinete. Brincou com repórteres, riu muito mas lamentava que os deputados Caio Pompeu e José Carlos Grecco, de São Paulo, não tivessem votado. Eram votos seus.

De tarde, Cardoso só tinha uma queixa: o pouco tempo que teve para fazer campanha dentro da bancada. Foram apenas 24 horas. Seus assessores negavam que tivesse havido um complô contra ele, dirigido pelo senador Mário Covas. Apenas se queixavam de que Covas tivesse avisado de que o relator seria indicado pela bancada em cima da hora.

## Disputa é marcada pelo equilíbrio

Do Sucursal de Brasília

No final da apuração do segundo escrutínio, a bancada do PMDB ria. Mas era de alívio. Afinal, o deputado Bernardo Cabral (AM) tinha deslançado e mantinha-se 21 votos à frente do deputado Pimenta da Veiga na disputa pela indicação para o cargo de relator-geral da Constituição.

Os sorrisos generalizados de alívio, inclusive no senador Mário Covas e nos escrutinadores, tinham um significado. Cabral e Pimenta tinham ficado empatados seis vezes durante a apuração dos 201 votos. Ficaram empatados quando tinham cinco, seis, dez, catorze, 25, 33 e 36 votos. Da metade para a frente, os dois se revezaram na liderança. Só no final é que Cabral deslançou. Muitos pe-

## Nos discursos, currículos e troca de farpas

Do Sucursal de Brasília

No discurso que fez ontem, antes da eleição para o cargo de relator da Comissão de Sistematização do Congresso constituinte, o senador Fernando Henrique Cardoso (SP), candidato, lembrou que seu pai era amazonense, o avô alagoano e ele mesmo fluminense, apesar de ter sido eleito por São Paulo. O deputado Bernardo Cabral (AM) disse que, cassado em 1969, exilou-se "selva de pedra" que é o Rio de Janeiro, onde passou a trabalhar como dirigente nacional da OAB. O deputado Pimenta da Veiga (MG) preferiu dizer que não tinha sido professor em universidades europeias, mas que ficara fazendo política em Minas.

Preocupado com as objeções de que seria mais um paulista num

cargo importante, Cardoso disse que o relator deveria ter "capacidade de ouvir e negociar", enquanto Cabral recordou sua carreira de constitucionalista e professor.

Durante os discursos, os candidatos trocaram algumas farpas. Cabral disse que não tinha vergonha de invocar o nome de Deus —o que foi entendido na bancada como uma referência a Cardoso, que em debate durante a campanha pela Prefeitura paulistana, em 1985, hesitou em responder a uma pergunta sobre se acreditava ou não em Deus. Cardoso, por sua vez, disse que seu primeiro trabalho acadêmico fora sobre Santa Catarina, e que sua tese de doutorado versava sobre o Rio Grande do Sul. Foi quando um peemedebista se virou para um colega e comentou: "Ele se esqueceu de Minas Gerais".



Pimenta da Veiga discursou

## Subcomissão adia debates sobre as audiências

Do Sucursal de Brasília

A subcomissão de Defesa do Estado, da Sociedade e de sua Segurança adiou para a próxima terça-feira a discussão da metodologia que será adotada para a realização de audiências públicas. Sem propostas concretas para discutir, a subcomissão reuniu-se ontem pela manhã, com a presença de apenas dez parlamentares —o quórum mínimo para deliberações e de onze parlamentares. Essa subcomissão é presidida pelo deputado federal José Tavares (PMDB-PR).

## Ulysses poderá ampliar prazos para nova Carta

O presidente do Congresso constituinte, deputado Ulysses Guimarães (PMDB-SP), disse ontem durante reunião com presidentes e relatores das comissões e subcomissões do Congresso Constituinte, realizada ontem às 19h30 na Comissão de Finanças da Câmara, que vai estudar a ampliação dos prazos para elaboração da nova Constituição.

A Mesa da Constituição recebeu projeto de resolução do deputado Jorge Hage (PMDB-BA) que propõe mais quarenta dias de prazo no cronograma fixado pelo regimento interno.